

**CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA EMIGRAÇÃO EM
SALVALEÓN: OS DILEMAS DE UMA COMUNIDADE RURAL NA
ESPANHA ESQUECIDA¹**

*CAUSAS Y CONSECUENCIAS DE LA EMIGRACIÓN EN SALVALEÓN: LOS
DILEMAS DE UNA COMUNIDAD RURAL EN LA ESPAÑA OLVIDADA*

*CAUSES AND CONSEQUENCES OF THE EMIGRATION EN SALVALEÓN,
THE DILEMMAS OF A RURAL COMMUNITY IN THE FORGOTTEN SPAIN*

Lucas Reis-Silva²

Francisco Jiménez Bautista³

RESUMO: O presente artigo deriva do estudo realizado no município espanhol de Salvaleón; uma entre várias cidadelas rurais da região de Extremadura afetadas pela emigração juvenil. A partir da imersão etnográfica pesquisamos as consequências locais de uma superestrutura que hierarquiza materialmente e simbolicamente a relação de forças entre o urbano e o rural. Com o intuito de problematizar as possíveis causas que produzem projetos migratórios e as consequências decorrentes dos mesmos, fundamentamo-nos em observação participante, entrevistas semiestruturadas em profundidade, revisão de bibliografia multidisciplinar e em compilação de documentos. Como categorias de análise, utilizamos as relações familiares; os conflitos geracionais; as dinâmicas sociais em espaços públicos; as possíveis motivações para o traslado; e, eventualmente, a adaptação no lugar destino e a possível aspiração pelo retorno. Os resultados obtidos desvelam a instabilidade perene que compromete o bem-estar social desta comunidade tradicional concebida a partir da relação interdependente com o seu ecossistema.

¹ Agradecemos a Manuel Hurtado Trigo, María José González Nogales e a Antonio Román por todo saber compartilhado durante nossa estância. Agradecemos a Fabio Silva, Vanina do Reis Araújo, Janaina Leal, Lamim Alves e Luísa Winter Pereira pelas sugestões e críticas. Agradecemos Oscar Martínez Sánchez y Lucas da Silva Almeida pelo suporte técnico. Agradecemos também a nossa amiga Virginia Rodríguez Romo, e a toda sua família, por viabilizar nossa estadia durante o período de imersão em Salvaleón.

² Doctorando en Ciencias Sociales por la Universidad de Granada (UGR). Actualmente es miembro colaborador e investigador en el Instituto de la Paz y los Conflictos (IPAZ) de la misma Universidad. Ha participado como investigador visitante en el Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA) da Universidade Nova de Lisboa en Portugal y en el departamento de psicología en la Универзитет у Бањој Луци (University of Banja Luka) en Bosnia y Herzegovina. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9400-4146>

³ Profesor Titular de Antropología social; Investigador del Instituto de la Paz y los Conflictos y Secretario del Doctorado de Ciencias Sociales de la Universidad de Granada, España. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8827-2913>

PALAVRAS-CHAVE: Modo de produção capitalista; Emigração; Montado; Jovem rural; Conflitos de gerações.

RESUMEN: El presente artículo deriva del estudio realizado en el municipio español de Salvaleón; uno de entre varios pueblos rurales de la comunidad autónoma de Extremadura afectados por la emigración juvenil. A partir de la inmersión etnográfica investigamos las consecuencias locales de una superestructura que jerarquiza materialmente y simbólicamente la relación de fuerzas entre lo urbano y lo rural. Con el fin de problematizar las posibles causas que producen proyectos migratorios y las consecuencias derivadas de los mismos, nos fundamentamos en observación participante, entrevistas semiestructuradas en profundidad, revisión de bibliografía multidisciplinar y en compilación de documentos. Como categorías de análisis, utilizamos las relaciones familiares; los conflictos generacionales; las dinámicas sociales en espacios públicos; las posibles motivaciones para el traslado; y, eventualmente, la adaptación en el destino y la posible aspiración de retorno. Los resultados obtenidos desvelan la inestabilidad perenne que compromete el bienestar social de esta comunidad tradicional concebida a partir de su relación interdependiente con su ecosistema.

PALABRAS CLAVES: Modo de producción capitalista; Emigración; Dehesa; Joven rural; Conflictos de generaciones.

ABSTRACT: This article derives from the study carried out in the Spanish municipality of Salvaleón; one of several rural towns in the autonomous community of Extremadura affected by youth emigration. Starting from ethnographic immersion, we investigate the local consequences of a superstructure that materially and symbolically hierarchizes the relationship of forces between the urban and the rural. In order to problematize the possible causes that produce migratory and the consequences derived from them, we rely on participant observation, in-depth semi-structured interviews, multidisciplinary literature review and compilation of documents. As categories of analysis, we use family relationships; generational conflicts; social dynamics in public spaces; the possible reasons for the transfer; and, eventually, adaptation at the destination and the possible aspiration of return. The results obtained reveal the perennial instability that compromises the social well-being of this traditional community conceived from its interdependent relationship with its ecosystem.

KEYWORDS: Capitalist mode of production, Meadow, Emigration, Rural youth, Generation conflicts

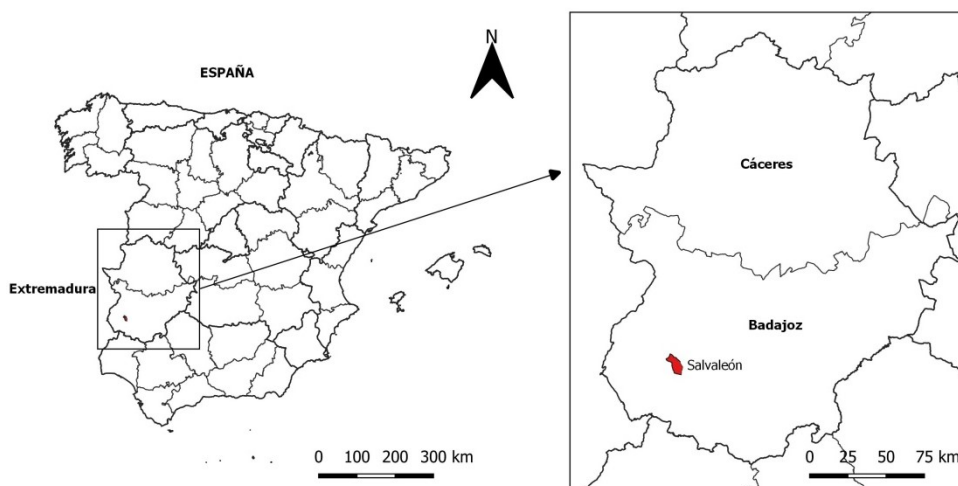
INTRODUÇÃO

O município espanhol de Salvaleón foi escolhido como estudo de caso para esta pesquisa por ser um território representativo em uma região autônoma relativamente pobre, predominantemente rural e afetada há décadas pela emigração juvenil. Pretendemos analisar a partir dele, como o êxodo da população economicamente ativa em um espaço

marcado pela baixa natalidade e pela alta expectativa de vida impacta as relações sociais nas comunidades situadas na “Espanha vazia” (Molino 2016).

Salvaleón pertence à província de Badajoz, região de Extremadura. Assim como outros municípios desta parte da Espanha, está inserido em um complexo ecossistema interdependente de um determinado equilíbrio social e de uma cosmovisão que as relações de forças entre o campo e a cidade comprometem.

Mapa 1. Localização do município de Salvaleón em relação à Espanha e à comunidade autônoma de Extremadura.



Fonte: elaboração própria

Do mesmo modo que outras cidadelas e vilas do seu entorno, Salvaleón se organiza como núcleo populacional a partir do “montado”, um biosistema típico de regiões mediterrâneas da Europa e do norte da África, resultado de elementos naturais e culturais interligados (Silva Pérez 2010). Este espaço, adaptado pelo ser humano ao longo de séculos para servir de pasto aos animais⁴, agricultura e extração de produtos florestais⁵, está afetado tanto pela exploração extensiva de seus recursos, como pela redução das atividades agropecuárias tradicionais.

É a partir deste lugar, repleto de funcionalidades e representações simbólicas, que os moradores de Salvaleón se percebem. Em torno ao montado local denominado Monte Porrino, construiu-se a sociabilidade e o sentido comum destas pessoas. Convertido em herdade comunitária a mais de quinhentos anos, este território dá origem ao gentílico

⁴ Suínos, caprinos, ovinos, bovinos e equinos.

⁵ Lenha, cortiça, cogumelos etc.

municipal, criando uma concepção própria de interpretação da realidade. O fato de salvaleonenses serem reconhecidos e se reconhecerem como “porrineros” e “porrineras” materializa simbolicamente a interdependência desta comunidade com sua terra.

Devido a problemática migratória que compromete o equilíbrio social e ambiental local, pretendemos pesquisar qualitativamente as repercussões locais do “projeto migratório”⁶ (Izquierdo 2000; 2002) juvenil. Queremos com isso, colaborar com a compreensão de algumas das manifestações da perversa estrutura que oprime esta e outras comunidades rurais localizadas em meio ao montado. Contribuir politicamente para desnaturalizar a inevitabilidade de um fenômeno forjado pelo acúmulo de capital em um “mundo” estruturalmente violento (Appadurai 2007).

Neste sentido, para identificar aspectos não contemplados em informes e planilhas, optamos pelo status exemplar que oferece práxis etnográfica (Clifford 1995). Ao se ater prioritariamente à observação participante e aos relatos dos sujeitos, foi possível desvelar algumas das consequências que a desigual distribuição de infraestrutura e serviços provoca no cotidiano do município pesquisado.

Foram inicialmente setenta e quatro dias ininterruptos como parte da “observação participante”, morando e compartilhando a cotidianidade entre os meses de julho e setembro de 2017. Posteriormente ocorreram quatro visitas (a última em janeiro de 2019) para concluir satisfatoriamente o período dedicado ao trabalho de campo. Realizamos dezoito entrevistas semiestruturadas e seis entrevistas de caráter narrativo (histórias de vida), além de vários outros relatos documentados em nosso diário de campo.

Todo o material coletado durante o período de imersão foi transcrito e decodificado considerando como categorias de análise: as relações familiares; os conflitos geracionais; as dinâmicas sociais em espaços públicos; as possíveis motivações para o traslado; e, eventualmente, a adaptação no lugar destino e a possível aspiração pelo retorno. A compilação do conteúdo adquirido no campo etnográfico está perpassada por uma revisão bibliográfica multidisciplinar e por documentos adquiridos junto à prefeitura e aos moradores.

⁶ “Reforço que o projeto migratório não se finaliza no movimento de saída. A emigração não é o projeto, é o princípio. O projeto está presente ao longo do caminho percorrido, desde a saída até a instalação e, em seu caso, inclui um eventual retorno” (Izquierdo 2000: 227).

Para facilitar a compreensão dos resultados, inicialmente fazemos uma breve análise sobre as nuances que envolvem a relação de forças entre o meio urbano e o meio rural na Europa. Em seguida abordamos o abandono juvenil nas áreas de montado de Extremadura e especificamos o caso de Salvaleón. À continuação, apresentamos os resultados decorrentes do trabalho de campo: dinâmica econômica e social existente no montado de Monte Porrino, principais motivações para emigração juvenil e conflitos geracionais decorrentes da instabilidade econômica e social. Concluímos o artigo promovendo uma reflexão sobre a relação estabelecida entre Estado e o mercado para o desenvolvimento geográfico desigual.

O COLAPSO NO CAMPO COMO PARTE DE UM ORDENAMENTO SOCIAL

A crise no meio rural europeu acentuou-se na última década com a perda de garantias sociais decorrente da profunda crise enfrentada pelo “Estado de bem-estar Social” que vigorava desde o fim da Segunda Guerra Mundial. As sociais democracias europeias, inicialmente impulsionadas pelo “Plano Marshall”⁷, parte inerente da chamada “Doutrina Truman”⁸, propunham justiça social e democracia participativa. Seus efeitos, em certa medida, foram inegavelmente positivos (Rosado 2016). Em se tratando de uma análise comparativa, é possível afirmar que “o modelo social europeu, que permitia acesso generalizado à saúde e à educação, bem como tranquilidade no período final da vida com reformas elevadas, transformou a Europa dos anos setenta e oitenta no paraíso terrestre” (Morais 2013: 119).

Todavia, existe um abismo econômico que permeia as relações dentre os Estados europeus e uma disparidade cada vez mais crescente entre os respectivos modelos de bem estar social. Intimamente relacionada com aspectos fundamentais do modo de produção capitalista e com a atuação dos mercados no desenvolvimento geográfico desigual (Harvey 2008; Castells 2004; Soja 2008), a divisão regional do trabalho concebida dentro de um

⁷ Oficialmente, plano de recuperação dos Estados Unidos para reconstrução de países aliados na Europa, após a segunda guerra mundial.

⁸ Uma expressão que faz referência ao conjunto de medidas políticas e econômicas Estadunidenses na época da Guerra Fria. Buscava-se combater o avanço do socialismo em áreas de influência. Adaptado e com distintos *modus operandi* em diferentes partes do mundo, nasce do discurso do presidente americano Harry Truman contra o que ele chamava de “ameaça comunista”.

sistema político-econômico interdependente e global (Wallerstein 1974) gera desproporcionalidade na produção de riqueza e institui distorções consideráveis na distribuição de recursos.

A prosperidade econômica experimentada pela Europa ocidental concentra-se prioritariamente em áreas industriais de países do norte, centro-oeste e em determinadas áreas privilegiadas do sul. Esta dinâmica de acumulação do capital promove dependência entre distintos países, províncias, cidades e bairros; entre zonas do “não ser” e as zonas do “ser” (Fanon 2015) ⁹. As heterogêneas sociedades europeias experimentam assim, seus próprios arquétipos de estratificação social, inclusive com desproporcionalidade de forças entre o meio rural de diferentes países, produzindo em muitas ocasiões migrações transnacionais dentro do próprio setor agropecuário (Smith 2007).

Contudo, a relação de poder existente entre o meio rural e o urbano, denunciada por Friedrich Engels e Karl Marx no século XIX, aprofundou-se vertiginosamente ao longo do século XX: “A burguesia submete o campo ao domínio da cidade” (Engels & Marx 2015: 78) ¹⁰. Se antes, o urbano se concebeu a partir do rural, agora é este que se percebe a partir do urbano; o campo “retrocede ante a cidade que o invade” (Lefebvre 1984: 146).

Neste sentido, a industrialização experimentada na Europa ao final da década de cinquenta (Rosado 2016: 690), somada à ausência de políticas públicas para o desenvolvimento regional, instituiu profundos desequilíbrios econômicos e sociais entre diferentes regiões do Estado espanhol (Pérez Infante 1981). As atividades agrícolas perderam relevância diante da crescente demanda por mão de obra em cidades cada vez mais industrializadas. O êxodo gerou pobreza e retroalimentou os fluxos migratórios¹¹.

Diante deste panorama, o sociólogo e especialista em emigração no campo, Luís Camarero (2017), adverte que o atual desinteresse pela atividade agrícola na Espanha está intimamente relacionado com a queda da agricultura doméstica, fruto de uma série de

⁹ Na “zona do ser”, os sujeitos, por serem racializados como superiores, desfrutam de determinados privilégios. Já na “zona do não ser” acontece o contrário, os sujeitos são racializados como inferiores e, portanto, passíveis de opressão.

¹⁰ Quando necessário, as citações textuais neste trabalho foram traduzidas ao português pelos autores deste artigo.

¹¹ Para o economista José Pérez Infante (1981), em um primeiro momento trata-se de camponeses assalariados em busca de melhores oportunidades. Em um momento posterior, uma fuga massiva da desertificação e do empobrecimento que assola as comunidades rurais.

alterações abruptas nas dinâmicas sociais do meio rural. A “inevitável” diversificação das atividades econômicas dos membros da família compromete a viabilidade de um projeto comum. Muitos jovens se vão em busca de melhores oportunidades e os que permanecem, geralmente tornam-se dependentes dos escassos e mal pagos trabalhos oferecidos por grandes proprietários de terra. O quadro atual é grave, “na Europa a crise rural pode adjetivar-se como Crônica” (Camarero 2009: 15).

Esta alteração no espaço privado é perceptível em boa parte das famílias de Salvaleón, o que cria uma profunda instabilidade do tecido social, já que incertezas sobre o futuro dos jovens estão diretamente relacionadas com o caos que assola o campo (Cardesín 1992; Camarero 2009). Não por acaso, o tema “trabalho” – ainda que as perguntas não abordassem diretamente o assunto¹² – foi recorrente entre eles durante as entrevistas:

“Se tem emprego todo o resto chega automaticamente” (Roi, diário de campo, 09 nov. 2018); “Não tem novidades quando o tema é trabalho, e o único possível é no campo, e eu não quero isso para minha vida” (Senne, diário de campo, 20 dez. 2018).

O INÍCIO E O PROCESSO DE UMA CRISE PERENE NO MONTADO ESPANHOL

Com características específicas, mas inserida no contexto geral da crise crônica que se abate sobre o campo na Espanha, o abandono gradativo de trabalhadores oriundos do montado se dá ao final dos anos quarenta, e principalmente metade dos anos cinquenta; marco inicial para “a emigração do campo a cidade, e destas zonas agropecuárias a Europa” (Rosado 2007: 1262). Segundo o geógrafo estremenho Moisés Rosado (2007), a emigração na região aconteceu gradativamente, em geral realizada de maneira solitária e pouco ordenada.

¹² Todos os entrevistados autorizaram o uso público de suas “falas”. Entretanto, optou-se por mencionar o material obtido no trabalho de campo de maneira anônima e informal, preservando assim um possível reconhecimento do emissor. Em uma comunidade com poucos habitantes, aonde a natural curiosidade com a presença de observadores externos ocorre, cuidados com possíveis impactos no cotidiano das pessoas são necessários. Neste artigo foram ocultadas as idades e os nomes utilizados são fictícios (homenagem a amigos residentes na cidade de Granada, região de Andalucía na Espanha).

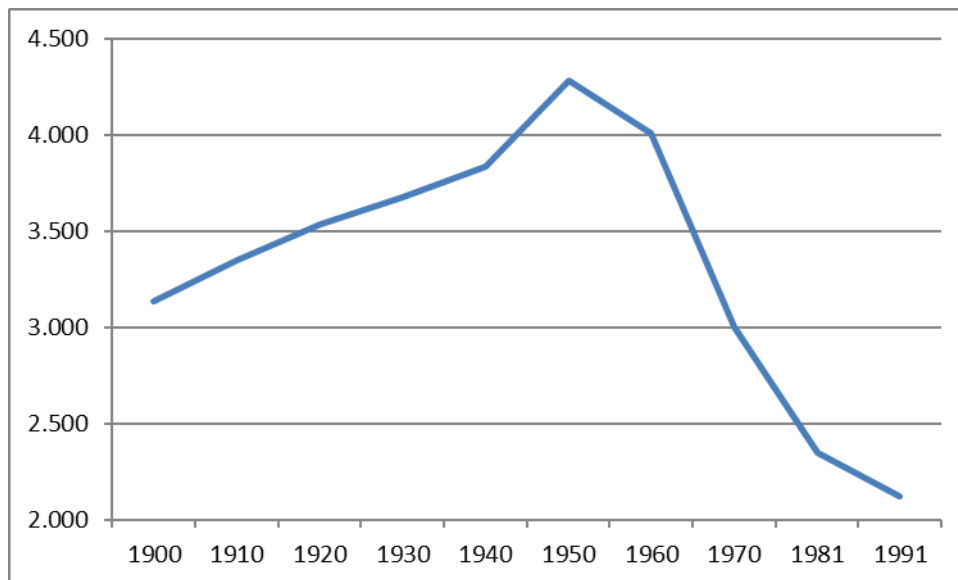
Com o rápido crescimento industrial dos anos cinquenta, inicia-se o declínio do setor agropecuário; conseqüentemente é quando ocorre a desestabilização do montado tradicional. A abrupta subida dos salários no setor industrial produziu progressivamente o deslocamento de camponeses estremenhos em busca de melhores oportunidades. Entre os jovens, a necessidade de qualificação para atuar nesta nova conjuntura antecipou o deslocamento de quem pretendia formar-se, o que diminuiu ainda mais a oferta de mão de obra disponível (Pardo & Guzmán 1980). “O êxodo rural sufocava um dos princípios básicos dos montados tradicionais: a presença de mão de obra abundante e barata” (Silva Pérez 2010: 150). A fuga de capital humano comprometeu o equilíbrio, reduzindo drasticamente a quantidade de trabalhadores qualificados em atividades laborais demandadas pelas especificidades do montado (Silva Pérez 2010).

O quadro se agravou significativamente nos anos sessenta, o que já era grave potencializou-se. A emigração passou a ocorrer de forma massiva, organizada e de caráter familiar. É também nesta década que ganha força a agricultura de mercado e práticas tradicionais que já vinham sendo debilitadas passam a ser desprestigiadas; consideradas atrasadas, tornam-se “incompatíveis” com o novo modelo de desenvolvimento (Silva Pérez 2010).

Assim como outras comunidades próximas, a população de Salvaleón experimentou as amargas conseqüências deste período de transformação na sociedade espanhola. O município havia crescido de modo sólido e sustentável até ser submetido pelo desarranjo estrutural que produziu o esvaziamento. Aspectos práticos da vida na região foram comprometidos e a dinâmica social de outrora jamais foi restabelecida.

Dados disponibilizados pela prefeitura demonstram um gradativo aumento demográfico durante a primeira metade do século XX, com pico exatamente em 1950 (Tabela 1). Durante esta década inicia-se o descenso e nos anos 60 ele é aprofundado. A partir da década de oitenta, o fenômeno seguirá menos vertiginoso, porém gradual e contínuo.

Gráfico 1. Registro municipal de habitantes entre os anos de 1900 e 1991.



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponibilizados pelo “Instituto Nacional de Estadística” (2020).

É importante ressaltar que este saldo demográfico desfavorável adveio simultaneamente com a exitosa democratização do acesso ao trabalho, saúde, educação, habitação no continente Europeu. Enquanto a Espanha experimentava seu “milagre econômico” (1959-1973), os estremenhos foram obrigados a abandonar o montado e ocupar estratos inferiores do sistema produtivo nas cidades. Segundo o historiador Juan Sierra (1994), com poucos recursos econômicos e baixa qualificação, estes residiam em municípios ou “bairros dormitórios”, criando assim uma nova relação entre o local de residência e o local de trabalho.

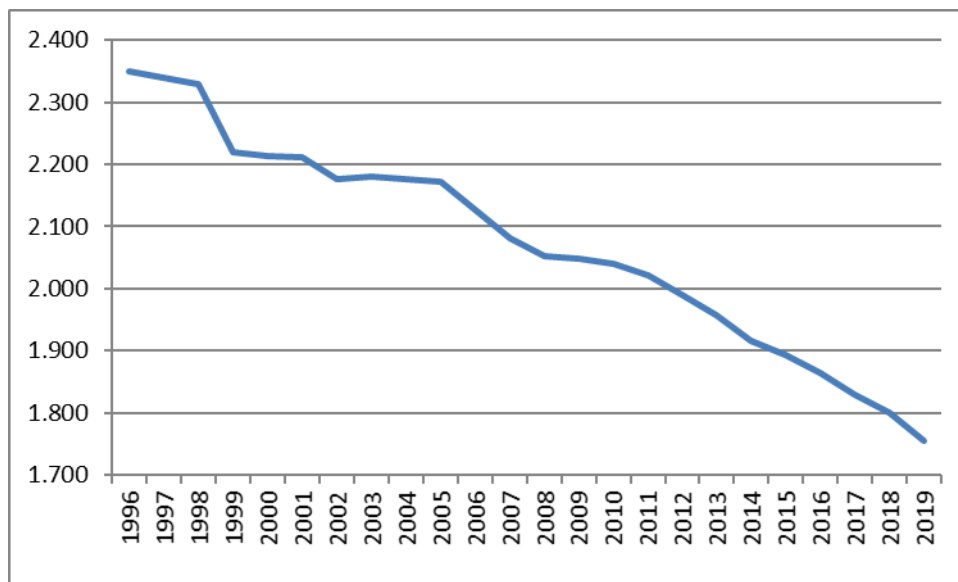
Muitas vezes interpretado como parte circunstancial de um plano que contempla o retorno, por uma série de aspectos que o emigrado não controla e que transcendem as aspirações iniciais do projeto migratório, o regresso passou a ser inviável. Como evidencia Sierra (1994: 97):

Em geral, parece que as pessoas com mais ânsias de retorno são as de idade avançada, antes da aposentadoria. Depois da qual já é muito mais difícil pensar em um retorno que se vê dificuldade especialmente pela vida dos filhos, já estabelecidos no lugar de adoção.

Em alguns casos até mesmo as visitas anuais deixaram de ocorrer, seja pela ausência de familiares remanescentes ou casa disponível para alojar-se. Também há que considerar a carga de trabalho no destino e o alto custo da viagem (Sierra 1994). Para muitos estremenhos, dos quais muitos moradores de Salvaleón, jamais houve retorno.

Em 1996, quando censo passou a ser realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estadística (INE), manteve-se a tendência anterior. Mesmo em um período conhecido como o *boom* econômico espanhol (2000-2007) não houve alteração de conjuntura (tabela 2). Ainda que em menor escala, a retração populacional seguiu constante.

Gráfico 2. Registro municipal de habitantes entre os anos de 1996 e 2019.



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponibilizados pelo “Instituto Nacional de Estadística” (2020).

Embora houvesse expansão econômica durante o início dos anos 2000, os benefícios não foram devidamente democratizados e se manteve o desenvolvimento geográfico desigual (Harvey 2008) que fomenta a emigração no meio rural, tanto em períodos de crescimento, como os de retração da economia nacional.

Este êxodo contínuo ajuda a entender por que a comunidade de Salvaleón é “assombrada” atualmente pela alta quantidade de velórios e pouquíssimas matrículas na única escola primária do município. O imaginário coletivo se move entre o desejo pela convivência e a necessidade de sobrevivência; está permeado por incertezas, urgências e

ameaças de seu tempo (Abélès 2010). Vários relatos, entre os quais se destaca o de um senhor aposentado, reforçam a noção de finitude próxima: “Quando se morram os mais velhos tudo se acaba” (José Luís, diário de campo, 08 nov. 2018).

ECOSSISTEMA CRIADO E CRIADOR DE UMA CULTURA

Figura 1. Montado de Monte Porrino (Salvaleón)



Fonte: próprio autor

O montado é a materialização de determinada ação humana na natureza. Sua configuração é reflexo direto do manuseio específico de um determinado grupo social. Não por acaso, este biossistema é interpretado por pesquisadores e órgãos públicos espanhóis (o que de certo modo, é um pleonasma) como sendo uma autêntica “paisagem cultural” (Carrion Gútiez 2015).

Quando manuseado corretamente este espaço multifuncional possibilita qualidade de vida, desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis e a preservação da flora e da fauna. Trata-se de um território habilitado para viver e trabalhar que transcende suas funcionalidades materiais. É um ambiente onde humano, fauna e flora se constroem simultaneamente em um continuum dialógico e relacional (Viveiros de Castro 2010; Ingold 2011).

O montado de “Monte Porrino” (como dito anteriormente é o nome dado à herdade comunal pertencente à Salvaleón) se constitui predominantemente por duas árvores da família das fagáceas: azinheira e o sobreiro. O fruto de ambas, conhecido como bolota, é rico em fibras e outras vitaminas, sendo o principal alimento do porco ibérico ou

“pata negra” (responsável pelo conceituado presunto de mesmo nome). No caso do monte Porrino, a azinheira possui maior relevância econômica, pois, além de ser maioria, seu fruto é mais atrativo aos suínos e a outros animais que pastam pelo terreno¹³.

Figura 2. Porcos ibéricos se alimentando de bolotas no Monte Porrino (Salvaleón)



Fonte: Juan José Güera Durán
(Guarda municipal responsável pelo Monte Porrino)

Entretanto, o internacionalmente reconhecido presunto oriundo de Extremadura está submetido, nesta e em outras regiões ibéricas, a processos de branding¹⁴ e “denominação de origem”¹⁵ que coletivizam as marcas locais ao mesmo tempo em que as introduzem em novos “circuitos” da economia neoliberal (Del Arco 2017). Como o imaginário coletivo associado ao porco ibérico alude à qualidade, natureza, bem-estar animal e tradição – mesmo que algumas vezes não corresponda à realidade – o marketing empregado ao presunto proveniente desta espécie lhe confere maior valor simbólico.

Contudo, como este modelo de negócio não está controlado pela comunidade local, além de alienar o trabalhador porrinero do processo produtivo, ele banaliza aspectos tradicionais importantes. Por exemplo, os matadouros localizados no entorno de Salvaleón,

¹³ Embora em menor número, é possível encontrar na herdade comunal a presença de ovinos, caprinos, equinos e bovinos.

¹⁴ Processo de gestão e promoção de uma marca como um símbolo respeitável e admirado, algo facilmente definido e entendível pelo consumidor.

¹⁵ Nome geográfico de país, cidade, região ou localidade para designar produto ou serviço cujos atributos ou especificidades remetam o consumidor a fatores naturais e humanos de um determinado lugar.

ao mesmo tempo em que empregam um importante contingente de moradores, inibem alternativas econômicas enfocadas em aspectos comunitários.

Ao contrário da azinheira, que oferece maior rendimento a partir de seu fruto, a exploração do sobreiro em Salvaleón atende principalmente à extração da cortiça, uma espécie de camada superficial da árvore que é retirada a cada nove anos. Este tecido vegetal com alto valor agregado é utilizado para fabricação de isolantes térmicos, tecidos, materiais de isolamento sonoro e, sobretudo, produção de rolhas para engarrafamento de vinhos e outros líquidos. Todavia, ao contrário de alguns municípios portugueses que investem estrategicamente no aproveitamento do território e nos “recursos endógenos”¹⁶, em Salvaleón a cortiça é comercializada pela prefeitura apenas para custear parte dos gastos com a manutenção da herdade.

Figura 3. Retirada da cortiça (Portugal).



Fonte: Associação Portuguesa da Cortiça (APCOR)

Cabe ressaltar, que independentemente das multifuncionalidades do montado, deve-se considerar a complexidade que o constitui. Devido à cadeia de ações que recriam cotidianamente as condições necessárias para sua manutenção, o trabalho e o manejo específico são fundamentais para conservá-lo (Gaspar, Escibano & Mesias 2016). Justamente, o que o desequilíbrio proveniente da emigração e o consequente desmantelamento da agricultura familiar comprometem. Portanto, a sobrevivência deste

¹⁶ Corresponde a um modelo de desenvolvimento destinado a potencializar as capacidades econômicas e sociais de uma determinada comunidade ou região. Apropriação consciente e sustentável dos recursos humanos e naturais destinados ao bem-estar social local nas transações externas.

meio ambiente está intrinsicamente relacionada à presença física e emocional de indivíduos conectados a ele.

Mesmo que adaptável e resistente a modificações territoriais – desde que estas não sejam bruscas e violentas (Ruiz 2014) – o montado é afetado, tanto pela exploração extensiva que impede a regeneração natural das árvores, como pela diminuição de atividades agropecuárias tradicionais que alteram consideravelmente as condições necessárias para o desenvolvimento controlado das plantas.

Consciente e preocupado, um jovem porrineru recém-chegado de um período no exterior faz a seguinte reflexão:

“O montado é um lugar único. O uso responsável é fundamental para que estas terras não sejam uma continuidade do deserto do Saara. Ele está ameaçado por conta do modo com que nos relacionamos com ele. Se cuidamos dele, cuidamos de nós” (Manuel, diário de campo, 06 nov. 2018).

Já outro jovem, disposto a tentar a vida em uma grande cidade espanhola, faz a seguinte consideração: “A coisa aqui não está boa, o montado não dá lucro. Antes se ganhava dinheiro com a bolota e com o porco ibérico, agora a produção é pequena e nos pagam uma miséria” (Juan Rayon, diário de campo, 04 nov. 2018).

Esta e outras ameaças constantes inserem os moradores remanescentes em um “registro social incerto” (García Canclini 2010: 34), isto é, em uma instabilidade existencial e ambiental que dificulta a elaboração de projetos vitais sustentados no tempo e no entorno. Uma prova mais de que o *ethos* de uma época afetada por incontáveis ameaças e desastres nos situa cotidianamente em uma situação de tensão que oscila entre a convivência e a supervivência (Abélès 2010).

QUESTÕES QUE ENVOLVEM A EMIGRAÇÃO LOCAL

As entrevistas puderam demonstrar, quase que de maneira unânime, que a falta de oportunidades laborais e educacionais são os principais fatores para iniciação dos projetos migratórios. Os jovens que terminam o ensino médio e pretendem ir à Universidade inevitavelmente se mudam a outros municípios, em geral a Badajoz, capital da província de mesmo nome. Neste caso é possível retornar a Salvaleón duramente os fins de semana, ou

ainda ir e voltar diariamente. Entretanto, em parte pela ausência de determinados cursos, muitos se trasladam a lugares distantes, principalmente Salamanca, Granada e Madrid.

Em dito panorama, as visitas passam a ser cada vez mais escassas, complexificando gradativamente a percepção do lugar de residência. Durante este período de formação, ou mesmo nos primeiros anos de adaptação ao mercado de trabalho, a grande maioria de jovens seguem arraigados ao município de origem. É entorno aos trinta anos, possivelmente já em fase de adaptação no local de destino, que ocorre a definição sobre prosseguimento ou não deste projeto migratório.

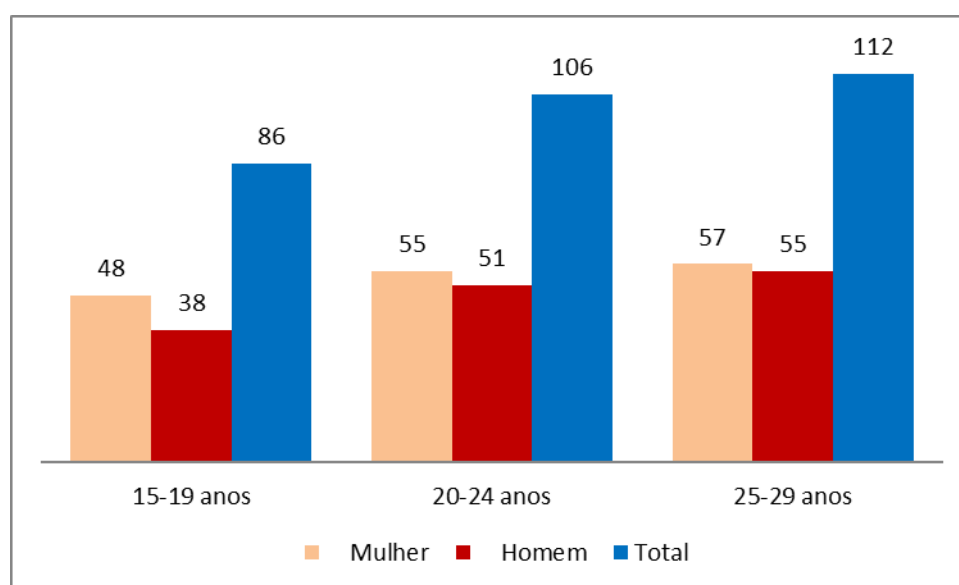
O possível retorno está mediado por variáveis econômicas, sociais e culturais que levam jovens porrineros a relativizar perdas e ganhos de uma possível ruptura. Alguns jovens estão convencidos de que o melhor para si é um projeto vital em Salvaleón. É o caso de um entrevistado que recentemente havia posto fim à sua permanência em uma importante Universidade espanhola: “Eu não gostei da experiência, não me sentia pleno ali. Cancelei a matrícula na faculdade e voltei pra casa, aqui é muito melhor” (Pablo, diário de campo, 15 jul. 2017).

Todavia, relatos como estes são minoritários e, embora algumas falas sejam complexas e contraditórias, tanto a esperança em um futuro melhor como a objetivação de possibilidades profissionais se deslumbram fora do município.

Dentro desta perspectiva, as jovens porrineras fornecem importantes aportes ao estudo. Em geral, o abandono no meio rural espanhol ocorre, sobretudo, entre as “mulheres jovens em idade reprodutiva, o que conseqüentemente eleva as taxas de masculinidade por um lado e de envelhecimento da população por outro” (Lopesino et al. 2011: 471). Em Salvaleón, no entanto, esta tendência comum a outras localidades rurais não se mantém, mas as particularidades que envolvem o projeto migratório feminino expõem parte importante desta tragédia.

Como se pode ver no gráfico abaixo o número de homens e mulheres jovens se equivale apesar da força de trabalho no campo ser predominantemente masculina e o papel social da mulher – quando não relacionado com atividades de comércio de bens e serviços – estar associado ao espaço doméstico.

Gráfico 3. Número de homens e mulheres entre 15 e 29 anos residentes em Salvaleón no ano de 2019



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponibilizados pelo “Instituto Nacional de Estadística” (2020).

Contudo, estes dados (gráfico 1) não esclarecem que boa parte das jovens porrineras, assim como outras mulheres do campo, projetem na emigração suas aspirações educacionais e profissionais, já que o “mundo urbano” amplia suas possibilidades de escolha (Camarero & Sampedro 2008). O mesmo ocorre com seus anseios por novas experiências e maior intimidade. Afinal, viver em uma pequena comunidade rural representa maior controle social, enquanto que na cidade o anonimato permite maior liberdade para saltar as “normas” estabelecidas (García Sanz 2004).

A observação participante e os diálogos estabelecidos com mulheres menores de trinta anos demonstram que a dependência econômica e a subordinação moral em um perímetro habitacional reduzido limitam bastante o comportamento feminino. Os relatos salientam que determinadas condutas são reprovadas socialmente e tendem a ser reprimidas, e que algumas práticas são possíveis, apenas, quando realizadas às escondidas: “Todos te vigiam, te controlam. Em Badajoz eu sou livre, posso ser eu mesma” (Maru, diário de campo, 07 nov. 2018); “Como a gente quer ficar, a gente vai pro Monte” (Klaudia, diário de campo, 18 ago. 2017).

De certo modo, a concepção de família tradicional que institui o homem como provedor e a mulher como cuidadora não atende às expectativas de muitas jovens que acreditam que o papel social não está delimitado pelo gênero. Neste sentido, devemos considerar, assim como a filósofa Silvia Federici (2010), que a dicotomia entre o espaço público e o espaço doméstico, com equivalência – em termos econômicos – na produção e reprodução (de seres humanos), são as bases do capitalismo, já que o primeiro não se sustenta sem o segundo. Entretanto, como destaca a autora, o espaço doméstico funciona com a racionalidade de uma fábrica, uma vez que seu funcionamento se dá a partir de trabalhadoras não remuneradas e com pouco prestígio social.

Em Salvaleón, temas como a formação profissional feminina, o fim da maternidade como prioridade, a necessidade de complementação da renda familiar, o surgimento de famílias monoparentais e a homoafetividade estão na ordem do dia. Estas e outras demandas precisam ser devidamente debatidas para construção de um lugar inclusivo, com um novo “contrato de gênero”, atraente para mulheres alheias a prototípicos estabelecidos pelo patriarcado local.

De modo geral, há um forte receio sobre inalterabilidade da estrutura social e econômica no município. A difusa relação entre o público e o privado, entre o local e exterior, cultivam uma série de sentimentos que causam as inquietudes que constroem parte considerável das idealizações juvenis que prevalecem sobre o cotidiano: “Não acredito em melhora, terei que ir embora da minha cidade” (Inmaculada, diário de campo, 02 nov. 2018).

Esta reflexão, assim como descrições de outros/as jovens frequentemente nostálgicos/as e marcados/as por angústias, explicita com propriedade “relatos de desmodernização” (Pratt 2006), isto é, narrações que associam o progresso – tão próprio da modernidade – a uma reinterpretação difusa do passado. Dito de outra maneira, sustenta-se a ideia de que progredir no lugar de origem pode haver sido uma opção para seus ancestrais, mas que hoje em dia as expectativas de progresso passam inevitavelmente por abandonar o lugar conhecido e recomeçar em outro. Por exemplo: “Para meus avós a vida aqui era viável, infelizmente para mim já não é” (Roi, diário de campo, 09 nov. 2018); “Nós paramos no tempo, tudo evolui menos Salvaleón” (Maru, diário de campo, 07 nov. 2018).

Como se pode observar, o porvir se apresenta como dúvida e o passado como algo distante e idealizado (Lowenthal 1998).

No entanto, ainda que esta concepção esteja presente no imaginário de jovens pouco esperançosos, ela está perpassada pela aflição que envolve esta tomada de decisão:

“Eu não gostaria de emigrar, mas é provável que isto aconteça devido à falta de emprego” (Juan Rayon, diário de campo, 04 nov. 2018); “Como farei para formar-me aqui? Quero estudar em uma boa faculdade e sem sacrifício não vou conseguir” (José Antonio, diário de campo, 15 ago. 2017).

As entrevistas com jovens retrataram insegurança e incerteza, temor a um futuro desconhecido pensado em termos de probabilidades (Abélès 2010). Uma expectativa que inevitavelmente os empurra a cálculos imprecisos de uma época globalizada; tão esquizofrênica que acentua simultaneamente o desejo de partir e o desejo de permanecer (Appadurai 2001).

Ainda que em distintos momentos deste projeto migratório: suposição, concretização ou experiência (Izquierdo 2002), em geral, os jovens agem segundo o seu habitus, “o senso prático do que se deve fazer em dada situação” (Bourdieu 2008: 42). Apesar de fatores relativos que competem à individualidade de cada caso, consideram a partir de aspectos econômicos, sociais e culturais, a viabilidade, ou não, das alternativas e possibilidades.

“Eu já fui, porque tive uma oportunidade de trabalho que jamais ia poder ter aqui. Mas tenho esperança de voltar a viver na minha cidade algum dia” (Marina, diário de campo, 04 nov. 2018); “Sempre pensei em emigrar e a cada dia tenho mais claro. Eu já fiz no verão passado e este ano irei mais tempo já que termino meus estudos” (Senne, diário de campo, 20 dez. 2018).

Ao mesmo tempo em que evidenciam certa satisfação com o presente, demonstram pouca ou nenhuma expectativa com relação ao futuro no município, e ficar poderia representar covardia ou fracasso: “Adoraria que existisse um futuro. Gostaria que meus descendentes experimentassem a infância no campo, mas duvido muito que seja possível” (Larissa, diário de campo, 04 nov. 2018).

Quando perguntados sobre como imaginariam a vida de seus filhos e filhas em Salvaleón, as respostas normalmente eram pessimistas; inclusive, em alguns casos, precedidos por inquietudes corporais que denotavam indignação e incredulidade em uma

mudança de paradigma. Este é o caso de uma jovem mãe porrinera que gesticulava veementemente ao dizer: “Não há futuro para minhas filhas aqui, sinceramente não acredito que haja” (Luísa, diário de campo, 03 nov. 2018).

A maior parte dos relatos obtidos demonstram que a sensação predominante entre os jovens é – ainda que a maioria desejasse o contrário – que não haverá “amanhã” para seus descendentes no município. Em geral, para compensar de algum modo esta provável ruptura, almejam levá-los para compartilhar “momentos” durante as férias escolares: “Eu e meus filhos, se é que vou ter algum, viríamos nas férias para passar um tempo e nada mais” (Senne, diário de campo, 20 dez. 2018).

No entanto, devemos considerar que a aspiração dos pretensos emigrados em oferecer aos seus descendentes uma experiência no lugar de suas origens é problemática devido à insegurança de suas próprias trajetórias e às incertezas sobre o futuro do município. Abandoná-lo é uma decisão que envolve um alto custo econômico, sócio-relacional e ambiental (Golías Pérez 2009). As consequências deste ato não se podem controlar; principalmente com a tendência social que mantém as estimativas de déficit demográfico futuro.

CONFLITOS GERACIONAIS E SUPOSTAS RESPONSABILIDADES

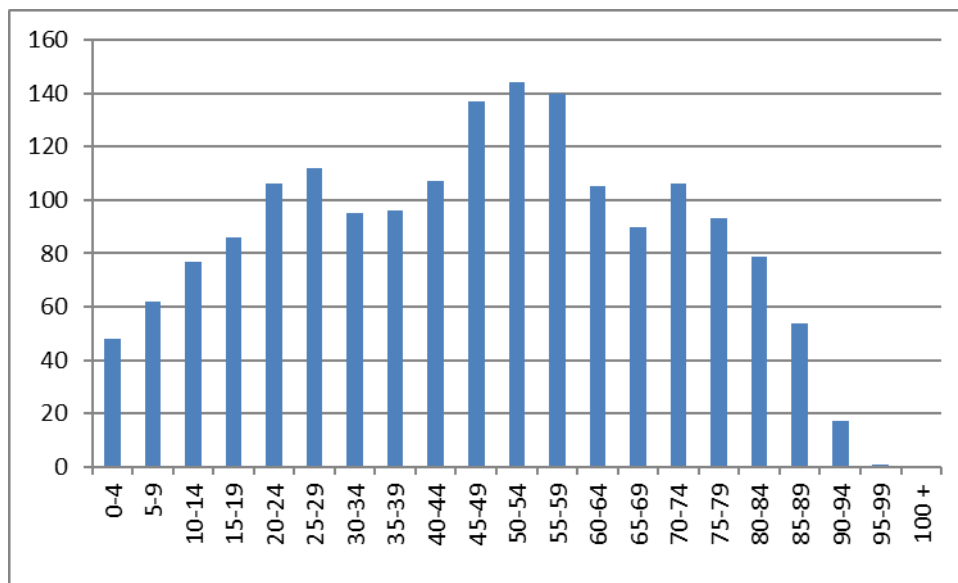
Enquanto um importante dispositivo de poder estatal, o uso numérico-estatístico produz, além de políticas públicas (Foucault 2006), “verdades” que constroem imaginários. Neste sentido, o uso desmedido de importantes dados estatísticos pode legitimar teorias e ações equivocadas. Ao ignorar o contexto e as narrativas dos sujeitos na hora de elaborar teses acerca de abandono rural, supõe assumir a “tecnologia” governamental e ver o problema – de maneira parcialmente interessada – desde um plano “superior”, não desde a escala local e do lugar de seus atores (Scott 1999).

Isto ajuda a explicar porque o “Plan general municipal de Salvaleón” (2012)¹⁷ defende a tese de que a relação entre a baixa natalidade e a alta mortalidade é a responsável pela redução demográfica. Embora o censo municipal de 2019 realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) demonstre a continuidade da redução drástica da natalidade

¹⁷ “Plano geral municipal de Salvaleón”

(tabela 3), isso não é suficiente para analisar um problema de ordem político, econômico e sócio- cultural.

Gráfico 4. Registro municipal de habitantes em 2019, de acordo com a faixa etária



Fonte: Elaboração própria com base em dados disponibilizados pelo “Instituto Nacional de Estadística” (2020).

Ainda que afetado por um processo ostensivo de desconexão com participação direta do Estado, o município estabelece, neste caso, um relato sobre outro; visibiliza o óbvio para invisibilizar outras questões que o interpelam diretamente (Scheper-Hughes 1997). Quando um documento municipal afirma que “a população se reduz, em grande medida porque o crescimento vegetativo é negativo, com a mortalidade superando há anos os nascimentos” (Plan general municipal de Salvaleón 2012: 26), reflete o distanciamento na esfera local de importantes estatísticas nacionais. Ao não problematizar o fenômeno, impõe importantes dados sobre o cotidiano sem o devido estranhamento e desnaturalização (Scheper-Hughes 1995).

A má interpretação dos dados estáticos, ou mesmo sua despolitização, respalda o senso comum e contribui para simplificação de fenômenos sociais. Não por acaso, argumentos proferidos por alguns moradores maiores de cinquenta anos em Salvaleón responsabilizam “o receio das novas gerações em ter filhos” e o “desinteresse dos jovens

pelo trabalho no campo” como os principais motivos para a crise demográfica. Estas conspexões estão materializadas, por exemplo, em dois comentários:

“Eles são egoístas, tem medo de formar uma família. No meu tempo a gente encarava a vida com mais valentia” (José Luís, diário de campo, 08 nov. 2018); “Os jovens preferem viver com 400 euros¹⁸ do seguro desemprego ao invés de fazer algo com suas vidas” (Nieves, diário de campo, 08 nov. 2018).

A ansiedade e a desinformação incitam alguns pais a pautar suas soluções para o problema demográfico a partir do acréscimo da natalidade: “Eu penso que devemos, enquanto sociedade, potencializar as famílias para que tenham muitos filhos e voltemos a crescer; Temos que ajudá-las” (Vicente, diário de campo, 02 nov. 2018). Isto posto como objetivo em si mesmo se sobrepõe às possíveis causas da desistência dos jovens em seguir com um projeto de vida no local.

Um olhar crítico sobre o problema nos leva diretamente ao conflito social contemporâneo que dissocia a família do trabalho. As tensões relativas ao papel dos jovens dentro dos lares se contrapõem às exigências do mercado de trabalho. Logo, o tempo necessário para realização de atividades fundamentais para o funcionamento doméstico é comprometido, e as condutas esperadas por um protótipo juvenil ao que senhores e senhoras associam a romanizações de seu próprio passado não se cumprem. Consequentemente, a instabilidade proveniente de uma série de tensões gera fadiga, ansiedade e irritabilidade, constrói um cenário repleto de distorções fecundas para a culpabilidade (Greenhaus & Beutell 1985).

Ao limitar-se à superficialidade do fenômeno, reforça-se cotidianamente a culpa sobre alguns dos principais pilares desta sociedade. Afinal, em uma comunidade envelhecida como a de Salvaleón há maior a dependência de uns sobre os outros, o que consequentemente pressiona ainda mais a “população economicamente ativa” remanescente. Responsável tanto pelos afazeres agropecuários, como pelo cuidado dos mais velhos, a chamada “geração suporte” (Camarero 2009) além de viabilizar o funcionamento social é chave para uma possível mudança de paradigma.

¹⁸ Algo em torno aos 44.5% do salário mínimo praticado na Espanha (900 euros). Cabe ressaltar que uma comparação proporcional com poder de compra real do salário mínimo brasileiro estaria completamente equivocada.

Urge, portanto, problematizar determinadas simplificações acerca de jovens porrineros que os associam ao egoísmo, à omissão e à boemia, como por exemplo, a de que “a juventude gasta muito dinheiro em festas, desperdiça o fruto do trabalho dos pais e avós” (Amparo, diário de campo, 20 jul. 2017). Depois de haver compartilhado momentos com diferentes gerações na piscina municipal, nas praças, nos bares e nas residências, as naturalizações foram devidamente estranhadas e postas ao filtro¹⁹.

Partimos do princípio, que a sociabilidade e a apropriação dos espaços públicos são pilares da cultura espanhola. Tanto em Salvaleón como em outras localidades (rurais ou urbanas), diferentes gerações compartilham com entusiasmo as ruas relativamente seguras e democratizadas. Durante o verão, que coincide com as férias escolares, o mesmo calor que justifica as longas sextas faz das noites e das madrugadas momentos oportunos para sociabilidade. É legítimo desfrutar deste entorno e externalizar bem-estar e satisfação diante de amigos e familiares separados durante a maior parte do ano. De modo que determinados hábitos e costumes em espaços de ócio não podem ser parâmetros para ratificar a percepção de alienação e comodismo de “jovens inconsequentes desejosos de desfrutar a vida a qualquer preço” (Nieves, diário de campo, 08 nov. 2018).

Consequentemente, devemos considerar que os discursos se constroem e se narram desde o presente, e como toda memória é seletiva, alguns moradores maiores de quarenta anos selecionam o que é memorável e como deve ser recordado, negociando em suas palavras o próprio marco social da memória (Halbwachs 2004). Desconsideram, por exemplo, o fato de que nos anos oitenta o município era notabilizado por sua oferta de vida noturna, relativamente farta para os padrões das localidades no seu entorno. Com duas grandes discotecas funcionando no inverno e outras três que se adicionavam durante verão, Salvaleón era referência para adolescentes, jovens e adultos de outros municípios e vilas próximas. Neste sentido, os almoços e jantares familiares foram reveladores:

“Nos anos oitenta eu saía de quinta a domingo” (María Dolores, diário de campo, 19 dez. 2018); “A gente se divertia muito, a sensação era de que havia o dobro de pessoas circulando pela cidade” (Vicente, diário de campo, 02 nov. 2018); “Eu comecei a sair em 1995 e 1996 e ainda havia muita vida na cidade. Mas com o

¹⁹ É importante reforçar que foram distintas visitas à cidade, a maioria delas nas férias de verão. Esta informação é necessária para justificar a presença massiva de estudantes universitários e trabalhadores emigrados na localidade. Só assim, foi viável adquirir relatos de diversos tipos de perfis.

tempo as pessoas foram desaparecendo e as discotecas foram fechando” (Francisco Jiménez, diário de campo, 21 dez. 2018).

Cabe ainda destacar, que parte importante da renda familiar neste período decorria de parte dos salários de porrineros/as emigrados a países como: Suíça, França, Bélgica e Alemanha. Isto insere direta ou indiretamente os remanescentes como coparticipes de um sistema retroalimentado pela emigração

Portanto, é imprescindível orientar o olhar antropológico para angústias que experimentam estes e outros jovens, do presente e do passado, imersos em uma “Espanha esvaziada”²⁰. Empatizar-nos com os afetados pela trágica “paisagem social” (Camarero 2009) implica considerar – independentemente das variações do tempo e do espaço – que as angústias e frustrações que permeiam os relatos são inseparáveis de aspectos históricos que os produzem (Fernandes 2012). Afinal, o fato de que para alguns idosos “este lugar pode ser muito triste no inverno” (José Luís, diário de campo, 08 nov. 2018) condiz com a crença de alguns jovens de que “quando acaba o verão, desaparece a alegria” (Marina, diário de campo, 04 nov. 2018).

Figura 4. Anoitecer na Rua Granada (uma das principais de Salvaleón) em Setembro de 2017 (última semana do verão Europeu).



Fonte: próprio autor

²⁰ Termo utilizado por movimentos sociais espanhóis como contraponto a compressão de “Espanha vazia” criado pelo jornalista espanhol Sergio del Molino. Associações camponesas como *Soria ¡ya!* e *Teruel Existe* politizam o abandono no campo e denunciam que desconexão do mundo rural com respeito à cidade foi fabricado pelo Estado, portanto, trata-se uma relação ativa e, em parte, intencional.

As reações sociais dentro de um panorama estruturalmente violento necessitam ser interpretadas com base em traumas sedimentados no inconsciente coletivo (Galtung 1990). As incertezas impostas pela dinâmica social do capitalismo tendem a fragmentar o tecido social de comunidades vitimadas por seu próprio *modus operandi*. Conflitos de interesses potencializados por adversidades circunstanciais confundem, dependendo do lugar de fala, a percepção do “passado” e do “futuro”, inibindo assim a visualização atemporal de um problema estrutural.

Como se pode ver, o problema das áreas rurais não são as expectativas econômicas, mas sim as expectativas vitais. Se nos situarmos como jovens, podemos observar que a «paisagem social» não é confortável, em um contexto de forte envelhecimento com oportunidades reduzidas para viver com alguém ou formar uma família e com um alto custo de mobilidade e uma forte dependência familiar. Aqui reside a chave da sustentabilidade social das áreas rurais. Esta é a crise crônica enfrentada pelas áreas rurais (Camarero 2009: 18).

CONCLUSÃO

A sistematização do êxodo da população economicamente ativa e o retorno de aposentados no município são partes de um quadro crônico provocado pela abrupta separação dos espaços de produção em sociedades pós-industriais. Contudo, o vazio geográfico dentro da Espanha não é um efeito colateral do movimento de capitais, mas sim responsabilidade do Estado espanhol, que estabelece suas prioridades em torno aos interesses da iniciativa privada. Ao investir recursos públicos de maneira desproporcional, cria disparidades entre províncias e regiões, ao se omitir, promove um modelo de desenvolvimento alheio às potencialidades da agricultura familiar e asfixia comunidades rurais como as de Salvaleón.

Sua indissociável relação com o capitalismo afastou o urbano e o rural, produziu dois “mundos” artificialmente desconectados, espaços supostamente opostos que se compreendem a partir de um *continuum* psicossocial e simbólico-espacial dentro de um modelo neoliberal (Delgado 1999; Lefebvre 2013). Isto gerou mais que uma disparidade econômica, marginalizou tudo e todos que não se enquadrem no padrão preestabelecido

pela ordem social de um mundo pensado a partir da universalização de valores hegemônicos e de uma modernidade urbanológica, urbanomórfica e urbanocêntrica.

O capitalismo “é, por em sua essência, um sistema gerador de angustias, incertezas, medos. Sobretudo medo de perder emprego, ou não encontrá-lo para fazer frente às necessidades de uma vida digna” (Romano 2007: 141). Ao mesmo tempo em que gera prosperidade, fabrica a penúria; ele se nutre das próprias contradições e desigualdades que gera, e encontra nelas sua verdadeira força expansiva (Harvey 2008).

Sua estrutura de produção provoca profundas distinções tanto no valor atribuído ao trabalho como ao território, criando demandas que instituem desigualdades materiais e simbólicas. Ele despreza as necessidades humanas que não atendem sua infame obsessão pelo lucro. A partir de sua aparente inevitabilidade, o sistema coisifica a cultura e promove um mundo assimétrico repleto de demandas dissociadas do real.

Junto ao Estado, o capitalismo produz violências estruturais²¹ (Galtung 1969, 1990) e violências simbólicas (Bourdieu 2008) que criam condições favoráveis para a culpabilização sectária em Salvaleón. A sobrevalorização da individualidade no cotidiano porrinerero diz respeito a um arcabouço social demarcado por valores neoliberais que dissocia os problemas locais de seu contexto.

Embora os aspectos conjunturais promovam tensões, as motivações para os projetos migratórios e os conflitos que deles decorrem estão diretamente relacionados com um mundo construído com base em desigualdades. Dito de outra maneira, ainda que angústias e incertezas que afetam o tecido social do município correspondam a tensões delimitadas por suas fronteiras, estão inevitavelmente imersas em um complexo marco organizacional provenientes das sociedades capitalistas.

É fundamental, portanto, problematizar a sociabilidade local e realçar a relevância de aspectos estruturais na construção de sujeitos em aparente conflito. Pois as mensagens de jovens porrineros sobre “um lugar perfeito para visitar, mas inviável para viver” (José Antonio, diário de campo, 15 ago. 2017), estão conectadas às queixas de seus pais e avós; muitos dos quais, foram emigrantes em busca de trabalho e formação durante a juventude.

²¹ Processos violentos exercidos por instituições ou estruturas sociais. Diz respeito a circunstâncias em que as necessidades fundamentais da população são negadas em base a critérios organizacionais opostos a uma justiça social.

As manifestações políticas dentro de Salvaleón – muitas vezes simplificadas como rebeldia de uns ou tradicionalismo de outros – expressam parte da indignação de corpos e mentes cotidianamente oprimidos por um sistema gerador de traumas. Entretanto, é preciso considerar que o encontro atemporal entre homens e mulheres performados/as a partir da terra é a base fundamental para uma “via camponesa” heterogênea, pensada e organizada democraticamente em prol do interesse coletivo. É na articulação política dos que sentem, pensam e se emocionam em torno a um lugar experimentado, que reside o argumento adequado para o enfrentamento à emigração rural, um fenômeno político, econômico e social, intrínseco as sociedades capitalistas.

REFERÊNCIAS

- ABÉLÈS, Marc. 2010. *The Politics of Survival*. Durham: Duke University Press.
- APPADURAI, Arjun. 2001. *La modernidad desbordada: dimensiones culturales de la globalización*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- APPADURAI, Arjun. 2007. *El rechazo de las minorías: ensayo sobre la geografía de la furia*. Barcelona: Tusquets.
- BOURDIEU, Pierre. 2008. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. 9ª (Ed.). Campinas: Papirus.
- CAMARERO, Luis. 2009. “La sostenible crisis rural”. *Revista Documentación Social*, n.155: 13-22.
- CAMARERO, Luis. 2017. “Trabajadores del campo y familias de la tierra. Instantáneas de la desagrarización”. *Ager: Revista de estudios sobre despoblación y desarrollo rural = Journal of depopulation and rural development studies*, n. 23: 163-195.
- CAMARERO, Luis; SAMPEDRO, Rosario. 2008. “¿Por qué se van las mujeres? El continuum de movilidad como hipótesis explicativa de la masculinización rural”. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (Reis)*, n.124: 73-105.
- CARDESÍN, José M. 1992. *Tierra, trabajo y reproducción social en una aldea gallega (s. XVIII-XX): muerte de unos, vida de otros*. Madrid: Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente.
- CARRIÓN GÚTIEZ, Alejandro (coord.). 2015. *Plan Nacional de Paisaje Cultural*. Espanha: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Disponível em: <http://www.culturaydeporte.gob.es/planes-nacionales/en/dam/jcr:55b779f7-037f-45a0-baa0-17f27bc2587a/05-maquetado-paisaje-cultural.pdf>, consultado em 05/12/2018.

- CASTELLS, Manuel. 2004. *La cuestión urbana*. México: Siglo XXI.
- CLIFFORD, James. 1995. *Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna*. Barcelona: Gedisa.
- DEL ARCO, Víctor. 2017. “Denominando el origen: marcas colectivas y proceso de neoliberalización en el mundo rural. Una aproximación etnográfica crítica al estudio del jamón en Aragón y Castilla y León”. In: T. V. Rabanaque; M. J. G. Hernandorena & T. V. Estevan (eds.), *Antropologías en transformación: sentidos, compromisos y utopías (XIV Congreso de Antropología)*. València: Universitat de València.
- DEL MOLINO, Sergio. 2016. *La España vacía. Viaje por un país que nunca fue*. Madrid: Turner.
- DELGADO, Manuel. 1999 *El animal público*. Barcelona: Anagrama.
- ENGELS, Friedrich & MARX, Karl. 2015. *Manifiesto del partido comunista*. 3ª (Ed.). Barcelona: Plutón Ediciones.
- FANON, Frantz. 2015. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil.
- FEDERICI, Silvia. 2010. *Calibán y la bruja. Mujer, cuerpo y acumulación primitiva*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- FERNANDES, Florestan. 2012. *Marx, Engels, Lenin: historia em processo*. São Paulo: Expressão Popular.
- FOUCAULT, Michel. 2006. *Seguridad, territorio, población*. México: Fondo de Cultura Económica.
- GALTUNG, Johan. 1969. “Violence, peace, and peace research”. *Journal of peace research*, v.6, n.3: 167-191.
- GALTUNG, Johan. 1990. “Cultural violence”. *Journal of peace Research*, v.27, n.3: 291-305.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. 2010. “¿De qué hablamos cuando hablamos de Resistencia?”. *Revista de Estudios Visuales*, n.7: 16-35.
- GARCÍA SANZ, Benjamín. 2004. “La mujer rural en los procesos de desarrollo de los pueblos”. *Revista del Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales*, v. 55, n.1: 107-120.
- GASPAR, Paula; ESCRIBANO, Miguel & MESIAS, Francisco J. 2016. “A qualitative approach to study social perceptions and public policies in dehesa agroforestry systems”. *Land use policy*, v. 58: 427-436. DOI: 10.1016/j.landusepol.2016.06.040
- GOLÍAS PÉREZ, Montserrat. 2009. “Evolución y perfil sociodemográfico de la población inmigrante en Galicia”. In: L. López Trigal; A. Abellán & D. Godenau (Coords.), *Envejecimiento, Despoblación, envejecimiento y territorio: un análisis sobre la población española*. León: Universidad de León. pp. 175-186
- GREENHAUS, Jeffrey H. & BEUTELL, Nicholas J. 1985. “Sources of conflict between work and family roles”. *Academy of Management Review*, v. 10, n. 1: 76–88.

- HALBWACHS, Maurice. 2004. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos.
- HARVEY, David. 2008. “El derecho a la ciudad”. *New Left Review*, n. 53: 23-39.
- INGOLD, Tim. 2011. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge, and Description*. New York: Routledge.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). 2020. *Badajoz: Poblaciones de hecho desde 1900 hasta 1991 (Cifras oficiales de los Censos respectivos)/ Badajoz: Población por municipios y sexo/ Badajoz: Población por sexo, municipios y edad (grupos quinquenales)*. Disponível em https://www.ine.es/buscar/searchResults.do?Menu_botonBuscador=&searchType=DEF_SEARCH&startat=0&L=0&searchString=%22Salvale%C3%B3n%22, consultado em: 09/06/2020.
- IZQUIERDO, Antonio. 2000. “El proyecto migratorio de los indocumentados según género”. *Papers: Revista de sociología*, n. 60: 225-240.
- IZQUIERDO, Antonio. 2002. “El proyecto migratorio y la integración de los extranjeros”. *Revista de Estudios de Juventud. Minorías étnicas, migración e integración social*, n.49: 43-52.
- LEFEBVRE, Henri. 1984. *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Madrid: Alianza.
- LEFEBVRE, Henri. 2013. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing.
- LOPESINO, Purificación C.; LÓPEZ- CERÓN, Antonio B.; Muñoz, Manuel P. & ECHANAGORRÍA, Adela M. (coords.). 2011. *Libro Blanco Envejecimiento Activo*. Madrid: IMSERSO.
- LOWENTHAL, David. 1998. *El pasado es un país extraño*. Madrid: Akal.
- MORAIS, Paulo. 2013. *Da corrupção à crise: que fazer?* Lisboa: Gradiva.
- PARDO, Enrique & GUZMÁN, Emilio. 1980. “Algunas consideraciones sobre la explotación de la dehesa extremeña, su problemática y posibles soluciones”. *Pastos*, v. 10, n. 1: 71-86.
- PÉREZ INFANTE, José I. 1981. “Rasgos estructurales del empleo y paro en la formación social española”, *In: R. Carballo; A. Temprano; J. A. Mora (orgs.), Crecimiento económico y crisis estructural en España:(1959-1980)*. Madrid: Akal. pp. 215-232.
- PLAN GENERAL MUNICIPAL DE SALVALÉON. 2012. *Documentación para la valoración de la viabilidad del PGM (Memoria informativa)*. Badajoz: Gobierno del Extremadura. Disponível em <http://www.salvaleon.es/documentos/20161108000351.pdf>, consultado em 05/12/2018.
- PRATTI, Mary L. 2006. “¿Por qué la Virgen de Zapopan fue a Los Ángeles? Algunas reflexiones sobre la movilidad y la globalidad”. *A Contra corriente*, v.3, n. 2: 1-33.
- ROMANO, Vicente. 2007. *La intoxicación lingüística: El uso perverso de la lengua*. Barcelona: El Viejo Topo.
- ROSADO, Moisés. 2007. “Cuantificación de la emigración extremeña desde la posguerra a los comienzos del siglo XXI (1940-2005)”. *Revista de estudios extremeños*, v.63, n.3: 1261-1274.

- ROSADO, Moisés. 2016. “Los años sesenta en la Raya extremeño-alentejana: entre la pobreza, la represión y la emigración”. *Revista de estudios extremeños*, v. 72, n. 1: 685-704.
- RUIZ, María de Carmen. 2014. “Paisajes culturales, Ordenación del Territorio y reflexiones desde la Geografía en España”. *Polígonos. Revista de Geografía*, n. 26: 147-180.
- SCHEPER-HUGHES, Nancy. (1995), “The primacy of the ethical: propositions for a militant anthropology”. *Current anthropology*, v.36, n.3: 409-440.
- SCHEPER-HUGHES, Nancy. 1997. *La muerte sin llanto. Violencia y vida cotidiana en Brasil*. Barcelona: Ariel.
- SCOTT, James C. 1999. *Seeing Like a State*. New Haven: Yale University Press.
- SIERRA, Juan M. V. 1994. *Encuesta sobre la situación socio-económica y tendencia al retorno de los emigrados extremeños residentes en otras autonomías españolas*. Mérida: Consejería de Bienestar Social Consejo de Comunidades Extremeñas.
- SILVA PÉREZ, Rocío. 2010. “La dehesa vista como paisaje cultural: Fisonomías, funcionalidades y dinámicas históricas”. *Ería: Revista cuatrimestral de geografía*, n.82: 143-157.
- SMITH, Darren. 2007. “The changing faces of rural populations:“(re) Fixing” the gaze’or ‘eyes wide shut?’” *Journal of Rural Studies*, v. 23, n. 3: 275-282.
- SOJA, Edward. 2008. *Postmetrópolis: Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2010. *Metáforas caníbales*. Madrid: Katz.
- WALLERSTEIN, Immanuel. 1974. *The modern world-system: capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century*. New York: Academic Press.

Recebido em: 13/07/2023

Aprovado em: 28/10/2024

Editor:
Dr. Leonardo da Rocha de Souza

Editoras executivas:
Layra Linda Rego Pena
Martina Hering Ferreira
Janine Miranda Weiner Vicente da Silva
Júlia Mogk Ehrat